

GRUPO FOCAL: TÉCNICA DE COLETA DE DADOS E ESPAÇO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Sandra Regina Teixeira 1

Maria Delourdes Maciel 2

¹Universidade Cruzeiro do Sul/CBS/ sandra.teixeira@universidadecruzeirodosul.edu.br

²Universidade Cruzeiro do Sul/CBS/ maria.maciel@cruzeirodosul.edu.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo relatar o uso dos grupos focais como uma técnica de coleta de dados em uma investigação qualitativa sobre as concepções de competência profissional do professor de Ciências. Os sujeitos da pesquisa foram dez professores de Ciências da rede pública estadual do município de São Vicente/SP e dez alunos do último ano do curso de Ciências Biológicas de uma Universidade privada da zona leste de São Paulo. Verificou-se que além de favorecer a coleta de dados da pesquisa, esta técnica caracterizou-se como um excelente espaço de formação docente a partir da reflexão que cada pesquisado fez sobre a própria concepção.

Palavras-chave: Grupos focais, formação de professores de Ciências, competências profissionais do professor.

INTRODUÇÃO

O diálogo, o debate, a reflexão, o falar e o ouvir permitem a aprendizagem dos sujeitos. Por acreditar no potencial da interação, foram utilizadas entrevistas de grupo como técnica para a coleta de dados, inspiradas na técnica de Grupo Focal (GF), já que esta técnica, como afirma Gatti (2005), ao propiciar a exposição ampla de idéias e perspectivas, permite o surgimento de respostas mais completas e possibilita verificar a lógica ou as representações que conduzem a respostas, que, com outros meios, poderiam ser difíceis de captar. Os dados fundamentais, utilizados na análise dessa interação, são as transcrições das discussões dos grupos.

Os GF foram fundamentados especialmente nos estudos e pesquisas qualitativas de Dias (2000) e Placco (2005) que o apontam como uma técnica ideal para se entender atitudes, preferências, necessidades, sentimentos e idéias dos participantes acerca de um determinado assunto. A autora define o GF como:

uma técnica de discussão não diretiva em grupo, que reúne pessoas com alguma característica ou experiência comum para discussão de um tema ou área de interesse. Tendo em foco um determinado assunto, a discussão não busca o consenso, mas levantar as diferentes opiniões, atitudes, pensamentos e sentimentos, expressos verbalmente ou não, em um tempo relativamente curto. (PLACCO, 2005, p. 302).

O GF é uma ferramenta muito utilizada em pesquisa de marketing desde 1920.

Em 1950 foi bastante utilizada para estudar as reações das pessoas à propaganda de guerra. A partir da década de 1980, segundo Dias (2000), começou a despertar o interesse dos pesquisadores em outras áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais, a Ergonomia, as Ciências Médicas, a Ciência da Informação, entre outras. Atualmente, além das pesquisas de publicidade e marketing, os GF estão se expandindo para áreas da Sociologia, Psicologia Social, Antropologia Cultural, auto-avaliação institucional e Educação, entre outras.

Antes de iniciar o GF, é necessária uma preparação do pesquisador para aprender sobre: forma de conduzir debates, registrar observações, elaborar questões importantes para a investigação sem perder os objetivos, saber lidar com uma grande quantidade de dados. Após estar bem clara a relação dos objetivos da pesquisa com a técnica de GF, passa-se, então, à fase seguinte que é a do planejamento.

Ao planejar a formação do grupo participante da pesquisa, deve-se decidir como será a forma de convite, a motivação e a adesão dos participantes, além de escolher um local adequado onde ocorrerão os encontros, o pesquisador deve elaborar um roteiro, com questões flexíveis, que servirá como um guia na mediação das discussões, prever o número e a duração dos encontros e preparar as formas de registro. Assim, todos os detalhes devem estar atrelados ao que se espera alcançar da pesquisa.

Os participantes podem constituir um grupo homogêneo, preservando certas características heterogêneas, os quais serão selecionados intencionalmente de acordo com os objetivos do estudo num grupo. Portanto, aspectos como sexo, faixa etária, experiência profissional, entre outros, são exemplos de variáveis que poderão definir a formação do grupo. Muitos autores defendem que o grupo deva ser constituído por 6 a 12 pessoas e que não há um número fixo ou ideal de encontros que se deve realizar. Tudo dependerá do objetivo da pesquisa e da necessidade de mais dados, percebida no término de cada encontro.

A condução do GF pode ser feita pelo próprio pesquisador ou por outra pessoa, que será o mediador ou moderador do grupo, cujo papel é proporcionar uma atmosfera favorável ao debate, promovendo a participação de todos. Além disso, cabe-lhe controlar o tempo evitando a dispersão dos objetivos da discussão e a monopolização da fala por alguns participantes. Este mediador deve ter sempre um roteiro com as questões previamente elaboradas de acordo com os objetivos e dados a serem coletados.

Para diversos autores, o mediador deve ter uma boa experiência na condução de grupos; ser sensível, capaz de ouvir, ter clareza de expressão, ser flexível e simpático, além de ter senso de humor. Saber despertar a confiança e criar alguma empatia com os participantes são características fundamentais para a obtenção de um bom resultado neste tipo de pesquisa.

A realização do GF deve ocorrer em um ambiente agradável, onde os participantes se sintam à vontade, favorecendo a livre expressão, sem inibições. Preferencialmente, o local deve ser silencioso, onde não haja movimento de pessoas e nem ocorram interrupções que possam tirar a atenção do grupo. Assim, “estar em grupo, se esse tem um ambiente favorável, possibilita que opiniões extremadas ou falsas não prevaleçam, o que proporciona maior fidedignidade aos dados”. (PLACCO, 2005, p. 303). É aconselhável que os participantes estejam em cadeiras dispostas em círculo ou até mesmo sentados ao redor de uma mesa, facilitando a visualização de todos e o registro das discussões. A duração de cada sessão deve ser de uma hora e meia a, no máximo, três horas.

Para o registro das discussões, que podem ser por meio de gravações (áudio e/ou vídeo), anotações escritas e fotografias, o mediador pode contar com a participação de um ou mais observadores que terão o papel de relatores. Estes ficarão atentos ao conteúdo das falas e principalmente ao comportamento dos participantes. Expressões faciais, o tom de voz usado, o contexto das falas e o clima em geral são elementos que surgem durante as discussões e que terão grande valor no momento da análise.

Os GF podem ser utilizados em todas as fases de um trabalho de investigação; é uma técnica que privilegia o contato entre pessoas através do diálogo, no momento de falar e escutar o outro. “Quando exponho a minha opinião... recebo com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles... e pela reação do outro formo a representação que terei de mim mesmo”. (BAKTIN,1992, apud KRAMER, 2003, p.66).

Ao mesmo tempo em que permite ao pesquisador obter dados para seus estudos, o GF garante aos pesquisados um espaço de reflexão sobre suas próprias concepções e de auto-avaliação, de onde pode decorrer a mudança de comportamento. É importante considerar a possibilidade de que tais propostas de mudança possam emergir do próprio grupo, sustentadas pelo contexto de suas vivências, vindo a constituir-se como um espaço de formação.

Placco (2005) alerta que é preciso cuidado para que o GF não seja considerado como representativo de certo universo de pessoas, pois o GF permite a obtenção de dados por meio da interação de um grupo de pessoas num dado contexto específico, e, portanto, não há, nesta técnica, propósitos de generalização.

O GF apresenta as seguintes vantagens: baixo custo, resultados rápidos, formato flexível, o que permite que o mediador explore dados inicialmente não previstos, que vão surgindo no desenrolar da conversa.

Naturalmente, existem limitações, tais como a possibilidade de que as discussões sejam desviadas ou dominadas por algum participante, o que exigirá a intervenção do mediador, pois, se não for tomado o devido cuidado, isto pode interferir no encaminhamento da discussão.

É importante ressaltar que houve, neste estudo, algumas variações do GF, pois em determinados momentos foram utilizadas dinâmicas para desencadear a interação do grupo e diversas intervenções por meio de perguntas; já em outros, as discussões fluíram livremente. Além disso, não houve, nesta pesquisa, a participação de auxiliares para observações e registros.

OS SUJEITOS DA PESQUISA

Participaram desta pesquisa dois grupos distintos de sujeitos: um com dez professores de Ciências que atuam no Ensino Fundamental II de escolas públicas da Rede Estadual de Ensino de São Paulo; outro com dez graduandos do último ano do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de uma Universidade privada, situada na Zona Leste da Cidade de São Paulo.

Nove dos dez professores possuem Licenciatura Plena em Biologia e um é licenciado em Química, porém todos atuam lecionando a disciplina de Ciências em classes do Ensino Fundamental II.

Todos os alunos são da mesma turma do último semestre de um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas — que tem duração de quatro anos. Além da experiência do estágio de docência que estão realizando, dois graduandos já atuam como professores de Ciências e Biologia, em caráter eventual, em escolas públicas estaduais, e uma outra graduanda leciona Ciências e Química numa escola particular.

GRUPO FOCAL COM PROFESSORES DE CIÊNCIAS

Foram realizadas três sessões de GF com dez professores de Ciências do Ensino Fundamental II de escolas estaduais. Nestes encontros, a pesquisadora, desempenhou também o papel de mediadora.

O primeiro encontro de GF aconteceu num salão da Diretoria de Ensino – Região São Vicente, no município de São Vicente/SP, onde os professores foram convidados a sentarem-se em cadeiras dispostas ao redor de uma mesa com dois gravadores de áudio.

Inicialmente foram distribuídos papel e caneta para anotações, crachás para identificação e expliquei que a identidade de cada participante, na presente pesquisa, seria mantida em sigilo. A seguir realizou-se uma breve apresentação explicando o trabalho e esclarecendo os objetivos do encontro, bem como os critérios de escolha dos participantes e a forma de registro – gravação em áudio –, com que todos os participantes concordaram.

Mesmo que surgissem, durante os encontros, diferentes pontos de vista — porque, nesta técnica, não se está em busca de consensos —, era importante que ficasse claro que, nesse trabalho, todas as idéias e opiniões interessavam e que não havia resposta ou posicionamento certo ou errado, nem bom ou mau argumento. Além disso, foi esclarecido que não se tratava de um diálogo comigo, mas com o grupo. Assim, não precisavam atuar como se estivessem respondendo à mediadora, pois o GF não se caracteriza como uma entrevista coletiva, mas como uma conversa que deve acontecer entre os membros do grupo.

O encontro foi iniciado com a apresentação dos participantes. Em seguida, foi dado um tempo para que os participantes, em duplas, discutissem sobre a seguinte tarefa proposta: pensando na sua prática profissional, cite três competências que julgue necessárias para ensinar Ciências. A discussão que se seguiu girou em torno das competências eleitas pelas duplas e apresentadas, posteriormente, aos demais componentes do GF.

Para que o ambiente fosse acolhedor e informal tomou-se o cuidado prévio de deixar café, suco e bolo disponíveis para os participantes durante as sessões. Os professores estavam tímidos no começo, cada um esperando que o outro iniciasse a participação, mas, depois da rodada de apresentação, foi quebrado o gelo, mostraram-se bem à vontade na interação e atenderam ao pedido da mediadora quanto à necessidade de cada um falar por vez para que as gravações não fossem prejudicadas.

Embora sempre houvesse participantes mais falantes que outros, neste primeiro encontro, todos participaram dando suas opiniões. As interações fluíram de forma cooperativa apesar dos contrapontos e divergências, o que manteve o debate aceso em toda a sua duração.

Havia, nesse primeiro encontro do GF, uma preocupação: apesar dos professores terem aceitado o convite para participar voluntariamente, temia pela resistência que alguns poderiam apresentar em relação à pesquisadora, coletando os dados para a pesquisa. Mas, para surpresa da pesquisadora, o grupo levou a sério, demonstrando interesse pelo tema que estava em foco.

Talvez, algo que tenha contribuído para que isso pudesse ocorrer, tenha sido o fato de, na apresentação inicial, a pesquisadora ter falado da própria trajetória na área da educação e relatado algumas das inquietações que a haviam impulsionado a fazer o Mestrado. Como muitos professores expressassem o desejo em também fazer Mestrado, isso fez com que demonstrassem interesse em conhecer a técnica de coleta de dados utilizada na pesquisa.

Como os professores, propositalmente, não foram avisados de qual seria o tema da discussão nos encontros — para que não trouxessem conceitos prontos —, várias vezes confessaram nunca terem pensado sobre o assunto, mas, através da interação e da opinião dos outros, cada um se sentiu desafiado a refletir e a expressar suas idéias e sentimentos.

Durante as discussões, o grupo citou as seguintes competências: flexibilidade; ser dinâmico; ter domínio do conteúdo; despertar a curiosidade e dar sentido ao cotidiano; problematizar alguma situação; provocador/desafiador; ser curioso; facilitador e articulador; pesquisador; ser criativo; contextualizar as observações trazidas pelos alunos; estar sempre disponível e maleável às pesquisas, fugindo dos conceitos prontos; evitar modismos; não influenciar as opiniões dos alunos; formar aluno crítico; facilitar a cidadania; estimular a criatividade; estimular a pesquisa e a curiosidade, visando, sempre, atender a necessidade de formar, em qualquer profissão, a consciência de respeito do meio ambiente; interdisciplinaridade.

No final do encontro, os professores estavam animados e perguntavam quando seria o próximo encontro, sugerindo que deveriam acontecer mais GF específicos para a nossa área, ou seja, para professores de Ciências. Portanto, consideraram a aplicação desta técnica também como um momento de formação continuada.

O segundo GF começou com a leitura das competências que foram citadas pelos professores de Ciências no primeiro GF. Nesse encontro o tema já era conhecido pelos participantes e alguns professores confessaram que ficaram pensando, como uma lição de casa, quais as competências necessárias ao professor de Ciências. Uma professora trouxe um texto de Menezes (2003), extraído da Internet, “Mais paixão no ensino de Ciências”, em que o autor discorre sobre a importância do desenvolvimento de competências no ensino de Ciências para uma formação cidadã e, como a Ciência é dinâmica, sendo as descobertas científicas constantes, sobre a necessidade de o professor saber lidar com tudo, destacando dois aspectos fundamentais nas aulas de Ciências: o que ensinar e o como ensinar.

Outra professora trouxe um material distribuído no Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) pela Coordenadora Pedagógica de sua escola, para auxiliar os professores em uma tarefa do programa Ensino Médio em Rede, que trata da identificação de conteúdos específicos de cada área do conhecimento e quais eram comuns entre as áreas.

Desde o primeiro encontro, a maioria havia sentido dificuldades na identificação das competências necessárias ao professor de Ciências. Mesmo assim, foi possível elencar mais algumas competências. Sintetizando, as competências que se revelaram mais fortes nas falas dos professores foram: desenvolver práticas experimentais; ter conhecimento dos ambientes locais; promover a interação aluno-ambiente; dominar os conteúdos científicos; ser comprometido com a profissão e ter uma visão interdisciplinar. Esse encontro terminou depois de os professores expressarem o que pensavam sobre o significado de competência.

O terceiro GF foi realizado no mesmo dia do segundo GF, porém em outro horário, pois foi feito um intervalo entre uma reunião e outra. A reunião começou com a distribuição de uma folha a cada componente do grupo, contendo as definições de competências, conforme Rios (2001), Perrenoud (2000), Estrela (1991) e os Referenciais para a Formação de Professores (BRASIL, 1999).

Cada professor recebeu uma relação de competências elaborada com base nas idéias destes autores. A partir dessas leituras, iniciaram-se as discussões, e os

professores tiveram a oportunidade de comentar as idéias apresentadas, afirmando que muitas já haviam sido citadas pelo próprio grupo, embora com outras palavras, no decorrer dos encontros realizados.

As interações entre os participantes seguiram num clima agradável com momentos de descontração e muitos risos, desabafos e histórias de vida e de emoção nos relatos dos sucessos e decepções do ofício de professor.

Esse terceiro encontro foi marcado pelo sentimento de respeito entre os participantes; sobretudo, pelo carinho expressado pelos integrantes para com a pesquisadora. Todos tiveram liberdade de expor o que pensavam e se apoiavam nas suas experiências como docentes. No final, foi solicitado que cada um dissesse pelo menos uma palavra relacionada com os assuntos discutidos.

Cada participante, com o seu jeito próprio, e alguns, até de uma forma poética, demonstraram o amor que possuem pela profissão docente, o respeito que têm pelos alunos, a preocupação em melhorar a atuação como professor e falaram de como as interações foram importantes momentos de troca de experiências e reflexão da própria prática como aprendizagem para o grupo.

GRUPO FOCAL COM ALUNOS DA GRADUAÇÃO

Foram realizadas duas sessões de GF com dez alunos do último ano do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de uma Universidade privada, na Zona Leste da Cidade de São Paulo.

No início do primeiro encontro, os alunos mostraram-se cautelosos nas suas falas, talvez pelo fato de estarem sendo gravados, porém, no decorrer da reunião, foram se descontraindo e se envolvendo com o tema, dando opiniões e escutando os demais. Durante as falas percebeu-se que alguns alunos não estavam habituados a participar de reuniões e que possuíam muita dificuldade em expressar o que pensavam numa situação como a do GF.

Os alunos que já atuam como docentes se mostraram mais falantes devido aos relatos de experiências vivenciadas, mas mesmo assim os outros expuseram impressões trazidas dos estágios realizados em escolas dos Ensinos Fundamental e Médio.

Ao término do primeiro GF, conversei com os participantes sobre a necessidade de continuar as discussões e da realização de outro encontro.

O segundo GF com alunos da graduação foi realizado três meses após o primeiro encontro devido à dificuldade de uma data que agregasse todos os participantes. Foram várias tentativas de marcar o encontro, dificultado pelas provas de término de semestre e pela entrega do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC). Os contatos foram mantidos por e-mail e durante as aulas.

O segundo encontro, que ocorreu em uma sala de aula da Universidade, teve duração de uma hora e meia. A mediadora seguiu um roteiro prévio que a ajudou na condução das discussões. Os alunos, por estarem mais familiarizados com esta técnica, ficaram mais à vontade na exposição de suas idéias.

Após as falas iniciais, a mediadora propôs uma atividade chamada “Atividade do Semáforo”, a fim de promover a participação efetiva de todos os componentes e envolvê-los mais com o tema em foco.

Para esta atividade foram fornecidas três tiras de papel e pincel atômico a cada participante. Estes foram convidados a pensarem por um instante em uma aula de Ciências e escreverem em cada tira de papel uma palavra que correspondesse a uma competência que julgasse necessária para atuação do professor de Ciências.

Os três círculos coloridos – um vermelho, um amarelo e um verde – foram

colocados distanciados, lado a lado, no centro da mesa. Cada um dos participantes foi orientado a distribuir suas tiras de papel ao lado dos círculos, ou sinais do semáforo, de acordo com o grau de dificuldade (ou importância) no desenvolvimento destas competências. O sinal vermelho representa muita dificuldade no desenvolvimento da competência, o amarelo, dificuldade média, e o verde, pouca dificuldade.

As competências foram classificadas pelos alunos em níveis de dificuldade de desenvolvimento. Foi realizada a leitura das competências apontadas e o grau de dificuldade para desenvolvê-las. Neste momento, os alunos foram revendo as suas opiniões e puderam alterar a posição da competência no semáforo. Por exemplo, o domínio do conteúdo apareceu tanto no nível médio como no difícil.

Assim, cada um defendia a sua idéia. Após a atividade, as competências ficaram assim classificadas:

1. Nível difícil – vermelho:

- Comprometimento
- Dom para ensinar
- Dominar as outras áreas da Ciência
- Interdisciplinaridade
- Aulas práticas mais elaboradas
- Conhecimento científico (específico)
- Atualização científica
- Manter-se atualizado
- Atualização constante

2. Nível Médio – amarelo:

- Criar novas estratégias para aulas experimentais
- Domínio do conteúdo
- Atualização
- Versatilidade
- Saber equilibrar teoria e prática
- Ter conhecimento e facilidade para ensinar
- Capacidade para elaboração de conteúdos práticos
- Saber respeitar o aluno
- Ser dinâmico
- Facilidade de comunicação
- Criatividade para associar a ciência com o cotidiano do aluno
- Estar sempre disposto a adquirir novos conhecimentos

3. Níveis fácil – verde:

- Ser dinâmico
- Ser atualizado
- Utilizar novas abordagens sobre o conhecimento científico

A partir da atividade do semáforo foram surgindo algumas polêmicas. Segundo os alunos, o professor deve manter-se atualizado. As opiniões dos alunos acerca do seu nível de desenvolvimento foram variadas. Outra questão que manteve a discussão bem acalorada foi sobre onde nós poderemos desenvolver estas competências.

Os graduandos lembraram que muitas dessas competências foram trabalhadas no curso de licenciatura, outras não. Foi um excelente debate, ou seja, um exercício de ouvir a opinião do outro, argumentar e reorganizar as idéias.

CONCLUSÃO

Ao aplicar a técnica inspirada nas idéias de GF em uma pesquisa qualitativa, cujo objetivo era de identificar as concepções que os sujeitos pesquisados tinham sobre competências profissionais do professor constatou-se que além de favorecer a coleta de dados, esta técnica caracterizou-se como um excelente espaço de formação docente a partir da reflexão que cada pesquisado fez sobre a própria concepção.

Os sujeitos da pesquisa consideraram que as interações foram importantes momentos de troca de experiências e reflexão da própria prática como aprendizagem para o grupo.

A partir das reflexões sobre a sua própria formação e prática educativa espera-se que graduandos e professores tenham se conscientizado de suas necessidades e possibilidades formativas, vindo a investir no próprio processo de autoformação (MACIEL, 2001), buscando desenvolver as competências necessárias identificadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Referenciais para formação de professores: Brasília: Ministério da Educação, 1999.

DIAS, C. A. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. *Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 2000. Seção Ponto de Vista. Disponível em: <http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/issue/view/35>. Acesso em: 15 fev. 2007.

ESTRELA, A. Dos modelos de Formação de professores por Competências ao Projeto Foco. In: ESTRELA, A.; PINTO, M.; SILVA, I. L.; RODRIGUES, A. e PINTO, P. R. Formação de Professores por Competências – Projeto Foco (Uma Experiência de Formação Contínua). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, p. 9-31.

GATTI, B. A. Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas. Brasília: Liber Editora, 2005.

KRAMER, S. Entrevistas coletivas: uma alternativa para lidar com diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em ciências humanas. In: FREITAS, M.T.; JOBIM e SOUZA, S.; KRAMER, S. Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003, p. 57-76.

MACIEL, M. D. Autoformação docente: limites e possibilidades. (Tese de Doutorado). Programa de Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC-SP, 2001.

PERRENOUD, P. 10 Novas Competências para Ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PLACCO, V. M. N. S.; Um estudo de representações sociais de professores do Ensino Médio quanto à AIDS, às drogas, à violência e à prevenção: o trabalho com grupos focais. In: MENIN, M. S. S.; SHIMIZU, A. M. Experiência e representação social: questões teóricas metodológicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, p. 295-314.

RIOS, T. A. Ética e Competência. São Paulo: Cortez, 2001.